

AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL EM CRIANÇAS QUILOMBOLAS E NÃO QUILOMBOLAS

AFFIRMATION OF ETHNIC-RACIAL IDENTITY IN QUILOMBOLA AND NON-QUILOMBOLA CHILDREN

AFIRMACIÓN DE IDENTIDAD ÉTNICO-RACIAL EN NIÑOS QUI- LOMBOLAS Y NO QUILOMBOLAS

Andrea dos Santos Doria

Mestre em Psicologia Social; (Secretaria Estadual de Inclusão, Assistência Social e Trabalho – Aracaju - Se) - andreadoria@hotmail.com

Dalila Xavier de França

Doutora em Psicologia Social; Professora do Departamento de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão – Se) - dalilafranca@gmail.com

Marcus Eugênio Oliveira Lima

Doutor em Psicologia Social; Professor do Departamento de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão – Se) - marcuseolima@gmail.com

Recebido em: 27/07/2020

Aceito para publicação: 20/11/2020

Resumo

Analisa-se em dois estudos a identidade étnico-racial de crianças brancas, negras quilombolas e não quilombolas. No estudo 1, participaram 179 crianças negras e brancas, 54% de sexo feminino, 31% com idades entre seis e sete anos e o restante com idades entre oito e dez anos. Os resultados indicaram que as crianças brancas apresentam uma maior identificação com a cor da sua pele que as negras e que as negras não quilombolas são as que menos se auto identificam como negras. O segundo estudo, realizado oito meses depois, adotou um delineamento quase-experimental para testar o efeito de um conto de fadas na afirmação da identidade étnica das crianças negras. Participaram 29 crianças cujas identidades haviam sido analisadas no primeiro estudo, 16 de sexo feminino, sendo 12 delas com idades entre seis e sete anos. As crianças ouviam um conto de fadas cujos protagonistas eram todos negros e, em seguida, participavam da mesma entrevista do Estudo 1. Os resultados indicaram que a afirmação identitária se tornou mais forte, o reconhecimento de pertencimento étnico cresceu de 50% para mais de 70% e o sentimento de gostar de pertencer ao grupo aumentou também de forma significativa. No geral, os resultados obtidos apontam a importância integrada de Políticas Públicas de valorização identitária e ações voltadas para a representação simbólica dos grupos nos espaços de poder sobre a identidade étnica das crianças.

Palavras-chave: Afirmação da identidade, Identidade negra, Infância, Quilombola.

Abstract

In two studies, the ethnic-racial identity of white, black quilombola and non-quilombola children is analyzed. In study 1, 179 black and white children participated, 54% female, 31% aged between six and seven years and the remainder aged between eight and ten years. The results indicated that white children have a greater identification with the color of their skin than black women and that non-quilombola black women are the ones that least identify themselves as black. The second study, carried out eight months later, adopted a quasi-experimental design to test the effect of a fairy tale on the affirmation of the ethnic identity of black children. Twenty-nine

children participated, whose identities had been analyzed in the first study, 16 female, 12 of them aged between six and seven years. The children listened to a fairy tale whose protagonists were all black and then participated in the same interview as in Study 1. The results indicated that the identity statement became stronger, the recognition of ethnic belonging grew from 50% to over 70 % and the feeling of enjoying belonging to the group also increased significantly. In general, the results obtained point to the integrated importance of Public Policies for the valorization of identity and actions aimed at the symbolic representation of groups in spaces of power over the children's ethnic identity.

Keywords: Affirmation of identity, Black identity, Childhood, Quilombola

Resumen

En dos estudios, se analiza la identidad étnico-racial de los niños blancos, negros quilombolas y no quilombolas. En el estudio 1, participaron 179 niños blancos y negros, 54% mujeres, 31% de edades comprendidas entre seis y siete años y el resto entre ocho y diez años. Los resultados indicaron que los niños blancos tienen una mayor identificación con el color de su piel que las mujeres negras y que las mujeres negras no quilombolas son las que menos se identifican como negras. El segundo estudio, llevado a cabo ocho meses después, adoptó un diseño cuasiexperimental para evaluar el efecto de un cuento de hadas en la afirmación de la identidad étnica de los niños negros. Participaron veintinueve niños, cuyas identidades habían sido analizadas en el primer estudio, 16 mujeres, 12 de ellas de entre seis y siete años. Los niños escucharon un cuento de hadas cuyos protagonistas eran todos negros y luego participaron en la misma entrevista que en el Estudio 1. Los resultados indicaron que la declaración de identidad se hizo más fuerte, el reconocimiento de pertenencia étnica creció del 50% a más de 70 % y la sensación de disfrutar pertenecer al grupo también aumentó significativamente. En general, los resultados obtenidos apuntan a la importancia integrada de las Políticas Públicas para la valorización de la identidad y las acciones dirigidas a la representación simbólica de los grupos en espacios de poder sobre la identidad étnica de los niños.

Palabras llave: afirmación de identidad, Identidad negra, Infancia, Quilombola

Introdução

A maior parte da população brasileira é negra (IBGE, 2017). Entretanto, na distribuição dos espaços sociais de poder, os negros estão subrepresentados. Eles ocupam menos cargos de chefia em corporações (PORTELA; LIMA; DA SILVA, 2019; STREIT, 2017); também têm menos acesso ao ensino superior (QUEIROZ, 2004); aparecem com menos frequência e de forma subalternizada na mídia impressa (GOLZIO, 2009), na literatura (CHINEN, 2013; HONORATO, 2010), na TV (ARAÚJO, 2000) e no cinema (RODRIGUES, 2015).

A exclusão do negro impacta negativamente sua identidade, sobretudo nas crianças, que, a partir dos cinco anos, já são capazes de perceber que seu fenótipo é pouco valorizado socialmente. É nesta fase da vida que nos revelamos capazes de reconhecer diferentes grupos étnico-raciais, de nos identificarmos a eles e de manifestarmos atitudes, tanto de favorecimento, quanto de preconceito frente a esses grupos (ABOUD, 1988; DOYLE; ABOUD, 1995; FRANÇA, 2013). A psicologia social tem demonstrado que o outro, seja como modelo, seja como contraste, é fundamental na construção e fortalecimento da identidade social, sobretudo na infância (HIGUERA; TRIAT, 2016).

As produções culturais voltadas para a infância são determinantes na formação da sua identidade étnica. Nesse escopo, a literatura infantil é um dos dispositivos mais poderosos. Todavia, a maior parte das produções literárias para crianças não colaboram para o fortalecimento da identidade negra. Pelo contrário, os heróis, heroínas, príncipes e princesas são quase sempre brancos (HONORATO, 2010). As poucas produções que destacam positivamente a presença de personagens negros, são, de forma geral, inacessíveis para a maioria das crianças (ATHIÉ, 2017). Observa-se que a subrepresentação dos negros na literatura infantil é um aspecto importante, mas pouco investigado nos estudos sobre a transmissão do racismo cultural (DE LIMA, 2009; SILVA; TEIXEIRA; PACIFICO, 2013).

Neste artigo, apresentamos dois estudos com o objetivo de analisar o impacto da representação positiva de personagens negros em histórias infantis na identidade étnica de crianças. Também objetivamos comparar as identidades de crianças negras quilombolas e não quilombolas, uma vez que aquelas são abrigadas por uma política pública de afirmação identitária, enquanto o outro grupo não está.

Construção e afirmação identitária na infância

A identidade social pode ser definida como a parcela do autoconceito do indivíduo que deriva de seu pertencimento a uma categoria social, somados ao significado emocional e ao valor associados à pertença a esse grupo (TAJFEL, 1982). A identidade social é construída e afirmada nas dinâmicas das relações entre grupos e nos processos de comparação social que elas engendram. Ela pode se configurar em pelo menos três dimensões: o grau de importância atribuído ao grupo de pertencimento, a avaliação emocional sobre ele e as percepções sobre as imagens sociais do grupo. De acordo com esses postulados, o indivíduo se esforçaria para ter uma identidade social positiva, decorrente do pertencimento a grupos socialmente valorizados, uma vez que esta afeta diretamente sua autoestima pessoal (TAJFEL; TURNER, 1986).

A formação da identidade é um fator de importância central na construção social e psicológica dos indivíduos desde a infância, reforçando aspectos positivos e/ou negativos das suas histórias de vida. A identidade social é construída e marcada por relações de poder. Um fator que contribui para a formação de uma identidade negativa em grupos minoritários é a diferença de *status* e recursos materiais em relação aos grupos dominantes, juntamente com o baixo capital simbólico acessível para as mudanças sociais aos grupos minoritários

(FERNANDES; PEREIRA, 2018).

Vários estudos analisam as estratégias adotadas pelas minorias sociais para manejar a identidade social negativa (e.g., BOBOWIK; BASABE; PÁEZ, 2014; DUMONT; WALDZUS, 2015; HIGUERA; TRIAT, 2016). No Brasil, análises históricas apontam que uma maneira de lidar com os impactos da exclusão social na identidade minoritária foi através da ideologia do branqueamento. Segundo Bento (2012), o branqueamento foi um fenômeno construído pela elite branca brasileira, que considerava o branco como padrão ideal de referência, levando à supremacia econômica, política e social do grupo. Ao mesmo tempo em que difundiu um imaginário negativo sobre o negro “que solapa sua identidade racial, danifica sua autoestima, culpa-o pela discriminação que sofre e, por fim, justifica as desigualdades raciais” (BENTO, 2012, p. 6).

Nesse cenário, enquanto a sociedade cultiva o imaginário negativo sobre os negros, a condição identitária de rejeição de si se perpetua na socialização da criança negra, a qual fundamenta-se em modelos estereotipados que ameaçam a sua autoestima e diminuem sua identificação com seu próprio grupo (OLIVEIRA, 2007). Isto pode ser visto num estudo realizado por França e Monteiro (2002), com crianças pretas, pardas e brancas com idades entre 5 e 10 anos. As autoras constatarem que 80% das crianças brancas percebem-se como brancas, 54% das crianças pardas se auto-classificam assim, enquanto que apenas 40% das crianças pretas se autoidentificam com seu grupo. Dados que salientam a negação identitária das crianças negras (pretas e pardas). As crianças negras, geralmente, são socializadas em um contexto de profunda dominação cultural branca. Além disso, desde muito cedo, são confrontadas com as desvantagens econômicas e sociais, incluindo os riscos à saúde, pobreza e desemprego. Sobre esse aspecto, as autoras, analisando a preferência étnica das crianças, observaram que as brancas afirmam mais que gostam de ser brancas e que não gostariam de ser diferentes que as negras (FRANÇA; MONTEIRO, 2002).

Nos processos de interação social, inicialmente no âmbito familiar e, posteriormente, no contexto escolar, a criança constrói seu autoconceito (OLIVEIRA, 2007). Nessas relações ela recebe *feedbacks*, explícitos ou implícitos, que tem o poder de reforçar ou desconstruir uma imagem, positiva ou negativa, de si mesma. Considerando-se a construção da imagem de um indivíduo como um processo múltiplo e dinâmico, as trocas sociais se refletem na identificação das crianças com o seu grupo étnico/racial, muitas vezes reforçando a ideia de que um

grupo é superior ou melhor ao outro, resultando na desidentificação dos membros do grupo inferiorizado, como demonstram alguns estudos (e.g., AMARAL, 2015; TRINDAD, 2016).

Assim, o impacto da falta de representatividade dos negros nos espaços de poder e da difusão de imagens negativas sobre a categoria social dependerá dos contextos específicos de socialização. De tal forma, podemos imaginar que, em contextos de políticas de valorização identitária dos negros, haja maior identificação das crianças com seu pertencimento étnico que em outros contextos mais dominados pelo racismo cultural. Um contexto de valorização identitária dos negros é o das Políticas Públicas de proteção das comunidades remanescentes de quilombos.

Políticas identitárias e identidade étnica na infância

A Constituição Federal de 1988 em seu o “artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) que reconheceu os ‘remanescentes de quilombo a propriedade definitiva das terras que estejam ocupando’, assim como obrigou o Estado a concederem-lhes os títulos de posse das terras (CALHEIROS; STADTLER, 2010). Os quilombolas adquiriram, então, o direito a ter sua identidade reconhecida pelo poder público, isso permitiu a regulamentação, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes de quilombos (SILVA, 2011), como signo de reparação do prejuízo histórico causado a um grupo. Para Calheiros e Stadler (2010), a identidade quilombola é política, marcada por sua afirmação e diferenciação na luta pelo reconhecimento e possibilidade de diálogo com outros grupos e setores da sociedade.

A identidade negra quilombola encontra-se na fronteira entre dois mundos de significados. De um lado, como todos os negros, os quilombolas sofrem a pressão da discriminação e do racismo (SCHMITT; TURATTI; CARVALHO, 2009); do outro, o abrigo da política pública de valorização do grupo forja uma identidade na articulação entre parentesco e território, em famílias que compartilham uma situação histórica particular de luta pela terra e vida digna. Nessa conjuntura, os significados de ser criança quilombola podem contribuir tanto para a afirmação quanto para a fragilização e o esfacelamento identitário, sobretudo, quando o grupo necessita conviver com os demais grupos, como os brancos e outros negros, salientando as diferenças de *status* social entre eles.

O estudo de Souza (2015), feito com crianças do Quilombo Brotas (Itatiba-SP), evi-

denciou que a identidade étnica oscilava entre aceitação e rejeição da sua cor. As experiências de exclusão, discriminação e racismo seriam as possíveis causadoras dos sentimentos relativos à identidade naquelas crianças. Soares (2008), por sua vez, procedeu a uma análise comparativa entre a infância no quilombo e a infância na escola, revelando diferentes formas de preconceito e discriminação nas vivências das crianças quilombolas. O estudo evidenciou que, no processo de comparação social, base da constituição da identidade, a territorialidade e a cor da pele se entrecruzam produzindo um saldo desfavorável para as crianças quilombolas, afetando sua autoestima e reforçando o desejo de mobilidade ou deserção identitária.

Silva (2011), estudando mães de crianças quilombolas da zona rural, verificou que elas percebem as crianças do meio urbano como mais inteligentes e com mais oportunidades que as crianças quilombolas do meio rural. França e Lima (2014) compararam as identidades étnicas de crianças quilombolas e indígenas assistidas por programas de ação afirmativa com as de crianças negras não assistidas. Os autores verificaram que a maioria das crianças quilombolas se percebia como negra e a maioria das indígenas e das negras não quilombolas se percebia como “morenas”. Os autores concluem salientando o forte desejo de branqueamento nas crianças negras não abrigadas pela política identitária.

De uma forma geral, essa breve revisão de literatura indica que a identidade de crianças negras, quilombolas e não quilombolas, é marcada pelo *status* social dos grupos nos processos de construção social da diferença e pelo acesso a políticas identitárias. Sabemos que a literatura é um poderoso mecanismo de construção e hierarquização de diferenças. Na infância, os contos de fadas ocupam lugar de destaque na construção de imagens de sucesso ou de fracasso dos grupos no imaginário infantil.

Contos de fadas e afirmação da identidade

A literatura no Brasil reproduziu e legitimou muitas vezes as injustiças contra a população negra, tecendo um retrato preconceituoso e discriminatório. Não obstante ainda predominarem produções que invisibilizam ou subalternizam os negros, nos últimos anos, tem ocorrido mudanças na representação do grupo. Numa análise de diversos textos da literatura brasileira, De Lima (2009) demonstra que, mais recentemente, tem começado a surgir um novo e mais positivo olhar sobre os negros. Outros estudos demonstram que essa representação é fundamental para a formação positiva da identidade étnica das crianças. Da Cunha Bas-

tos (2015) realiza um estudo que consistia na leitura e análise, junto às crianças, da obra: “O amigo do rei”, cujo protagonista é um menino negro. O autor observou, a partir de alguns comentários das crianças, que elas não imaginavam que existissem reis na África. O estudo permitiu ainda que as crianças conhecessem e discutissem entre si diferentes signos de realidade, como vestes e aparatos que pertenciam aos reis e rainhas negros, ampliando a compreensão sobre como as diferentes culturas representam os personagens de poder.

Barbosa e Sirota (2016), analisando as representações da criança negra nos livros infantis e o uso desses livros na sala de aula por professores, realizaram um estudo em duas fases. Na primeira, analisaram o conteúdo de obras em que personagens de destaque eram negros; na segunda as obras foram disponibilizadas às crianças para que lessem e estudassem juntamente com a professora. A análise de conteúdo dos livros demonstrou que a imagem dos negros destacava a diferenciação física (tipo de cabelo e penteado) e a diferenciação social (status e poder). Os dados da segunda fase indicaram que havia forte identificação das crianças com as personagens de destaque das histórias. Na mesma direção, Honorato (2010), em um estudo em uma escola de educação infantil com crianças de cinco e seis anos, realizou, durante nove semanas, atividades baseadas na leitura de livros infantis cujos personagens negros eram figuras de destaque, levando as crianças a discutirem diversos temas pertinentes às relações étnico-raciais, dentre os quais a diversidade. A autora observou que a representação da beleza, antes restrita ao fenótipo branco, com o decorrer das atividades, passou a incluir características negras, sendo os personagens da história modelos de identificação.

A literatura revisada traz importantes contribuições sobre como trabalhar a valorização identitária nas relações étnico-raciais na escola. Contudo, são raros os estudos que analisam a afirmação identitária das crianças negras numa perspectiva comparativa, sendo exceção o estudo de França et al. (2014). Por outro lado, não foi possível encontrar estudos que comparassem os efeitos identitários da contação de histórias em crianças abrigadas e não abrigadas por políticas de valorização identitária. A presente pesquisa tem como objetivo comparar as identidades étnicas das crianças, num primeiro estudo, para depois verificar o efeito que um conto de fadas com personagens negros protagonistas tem sobre essas identidades (Estudo 2).

Visão geral dos estudos

Foram feitos dois estudos para testar as seguintes hipóteses: 1) a identificação com a cor da pele das crianças brancas será mais elevada que a das negras; 2) a identificação com a cor da pele das crianças negras quilombolas será mais elevada que a das negras não quilombolas e 3) a narração de contos de fadas com protagonistas negros aumentará a identificação de crianças negras com sua categoria de cor. O primeiro estudo foi do tipo descritivo correlacional, nele foi analisada a autoclassificação e identificação com a cor da pele de crianças brancas, negras quilombolas e negras não quilombolas. O segundo estudo adotou um delineamento quase experimental no campo, sendo realizada a leitura de um conto de fadas com protagonistas negros para crianças negras que participaram do estudo um, as quais tiveram a sua identificação com a cor da pele comparada com a medida obtida no primeiro estudo.

Estudo 1

Método

Participantes

Participaram 179 crianças, sendo 29,1% (n = 52) brancas, 36,3% (n = 65) negras não quilombolas e 34,6% (n = 62) negras quilombolas. Quanto ao sexo, 54,7% (n = 98) eram meninas. As idades variaram entre seis e sete anos (31,3%, n = 56) e 8 a 10 (68,7%, n = 123) anos. A cor da pele das crianças foi analisada por heteroclassificação, feita pela entrevistadora, e autoclassificação, indicada pela própria criança. Uma análise de correlação de Pearson demonstrou que a cor percebida pelo entrevistador se correlacionou significativamente com a cor auto declarada pela participante $r(177) = .28$; $p = .001$. Os participantes foram, então, agrupados em duas categorias de cor de pele: brancos e negros, considerando a heteroclassificação como critério. Todos os participantes quilombolas foram classificados como negros, de modo que temos dois grupos de negros: quilombolas e não quilombolas.

Procedimentos e instrumentos

A coleta de dados foi realizada em um quilombo de um povoado localizado na zona rural da cidade de Laranjeiras/Sergipe. Os dados das crianças negras não quilombolas e bran-

cas foram coletados em duas escolas: uma pública numa cidade do interior e a outra da rede privada na capital do mesmo Estado. As crianças foram entrevistadas individualmente. Utilizaram-se fotografias de crianças brancas e negras como material estímulo. As fotografias foram previamente testadas no estudo de França e col. (2002). Os dados foram coletados mediante uma entrevista estruturada baseada em França e col. (2002). Verificou-se o conhecimento sobre os grupos que compõem a sociedade através da categorização racial, aferida através da solicitação à criança para organizar quatro fotografias dentro das caixas que apresentavam os rótulos: branco e negro. O gênero da criança da fotografia correspondia ao gênero da criança entrevistada.

A identidade étnica foi avaliada por dois indicadores: auto categorização e avaliação emocional do pertencimento. Para aferir a auto categorização racial, perguntava-se à criança: qual desses se parece mais com você? A criança deveria responder apontando para uma das fotografias dispostas à sua frente (havia uma foto de uma criança negra e uma de uma criança branca). Em seguida, perguntava-se se a criança da foto era negra ou branca. Para analisar a dimensão emocional do pertencimento, indagava-se: “Você gosta de ser X”? A criança deveria responder numa escala que variava de 1 (nada) a 4 (muito), com as posições intermediárias “pouco” (2) e “mais ou menos” (3). O “X” referia-se a resposta do grupo étnico escolhido pela própria criança na tarefa de auto categorização (i.e., branco ou negro).

Aspectos Éticos e Análise de dados

Os dados foram analisados utilizando o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). No decorrer de toda a pesquisa, todas as exigências éticas e os princípios da pesquisa com seres humanos descritos na Resolução 510/2016 do CEP/CONEP foram respeitados.

Resultados

As crianças demonstraram conhecimentos sobre os grupos que compõe a sociedade e que foram analisados nesse estudo, pois mais de 96% categorizaram as fotografias das crianças brancas como brancas; e mais de 97% categorizaram as fotografias das crianças negras como negras. Cumprido esse pressuposto, procedemos as análises da identidade racial das crianças.

Para analisar a identidade racial, inicialmente, realizamos um teste de Contingência entre a autocategorização racial (“Qual desses mais se parece com você?”) e o grupo étnico das participantes (heterocategorização). Os resultados revelaram associação significativa entre essas variáveis, $X^2(2) = 50,77$; $p < 0,001$. A maioria dos participantes brancos (98,1%) se autocategorizam como brancos, enquanto as crianças negras não quilombolas dividem-se: quase a metade delas se autocategorizam como brancos (46,2%) e as restantes 53,8% como negros. Já entre as quilombolas, quase 2/3 se autocategorizam como negros. Considerando os residuais ajustados, observamos que as diferenças significativas se encontram nos resultados das crianças brancas que se veem como brancas (apenas uma não se classificou assim) em contraposição às negras não quilombolas, as quais praticamente se dividem entre a afirmação a cor e a deserção identitária (ver Tabela 1).

Tabela 1.

Percentuais e Residuais Ajustados (entre parênteses) da autocategorização étnica dos participantes (n = 176).

Cor/etnia	Auto categorização étnica		
	“Sou Branco”	“Sou negro”	Total
Branco	98,1% (7,0)	1,9% (-7,0)	100%
Negros não quilombolas	46,2% (-2,3)	53,8% (2,3)	100%
Negros quilombolas	35,5% (-4,3)	64,5% (4,3)	100%

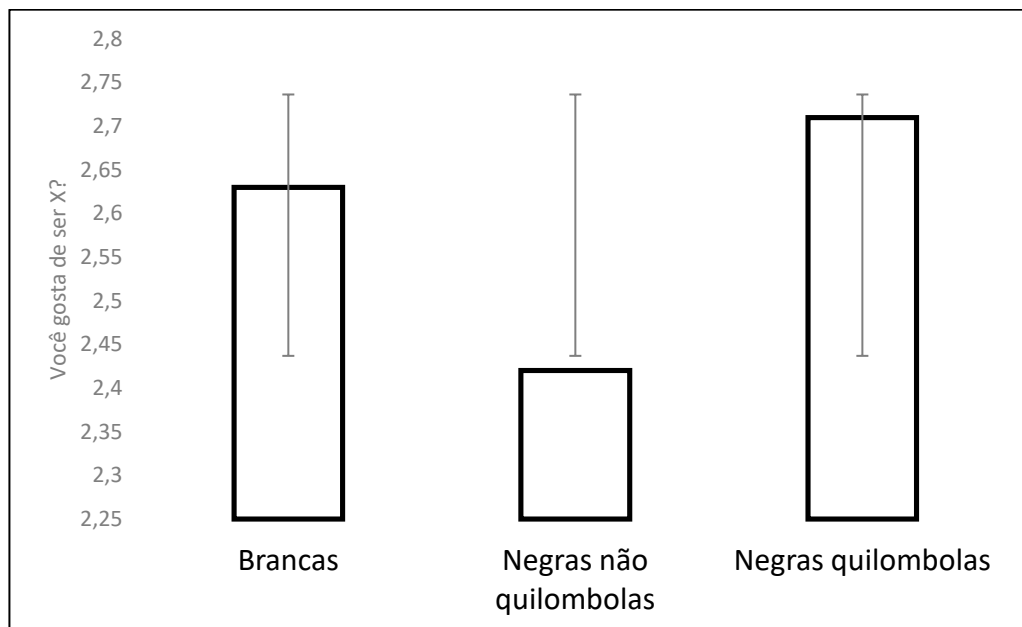
Fonte: Dados da pesquisa

A dimensão emocional da identidade racial foi analisada por meio de uma Análise de Variância, que indicou não haver diferenças significativas entre os três grupos de crianças, $F(2, 176) = 0,86$, n.s. (ver Figura 1). Todavia, cabe referir que nas respostas das crianças à pergunta “Você gosta de ser X?” o “X” se referia à cor escolhida pelo participante na tarefa de auto classificação; de forma que, 98% das crianças brancas estão afirmando que gostam de ser brancas ($M = 2,62$; $DP = 1,34$); 54% das negras não quilombolas afirmam que gostam de ser

negras ($M = 2,46$; $DP = 1,33$) e 64,5% das quilombolas gostam de ser negras ($M = 2,78$; $DP = 1,19$).

Figura 1.

Médias do significado emocional do pertencimento em função da cor/etnia dos participantes (n = 176).



Fonte: Dados da pesquisa

Discussão

O objetivo deste estudo foi analisar a identidade racial de crianças brancas, e negras: quilombolas e não quilombolas. Utilizamos pressupostos da Teoria da Identidade Social de Tajfel (1982), que analisa esse fenômeno com base na autocategorização e avaliação emocional da pertença. Os resultados encontrados confirmam parcialmente nossa primeira hipótese, que afirmava uma maior identificação com a cor da pele por parte das crianças brancas que das negras. Com efeito, quase todas as brancas se percebem como brancas e a média na dimensão emocional da identificação foi elevada. Em relação à nossa segunda hipótese, que previa uma identificação mais elevada das crianças negras quilombolas que das negras não quilombolas; um teste Qui-Quadrado envolvendo apenas esses dois grupos de crianças, indicou que as diferenças na autoclassificação da cor da pele foram significativas, $X^2(1) = 6,37$, $p = 0,01$. As crianças quilombolas se veem mais como negras que as não quilombolas. Todavia, na dimensão emocional da identificação com a cor da pele as diferenças entre os dois grupos não foram significativas, $F(1, 125) = 1,68$, $p = .19$. Dessa forma, a confirmação da hipótese foi também parcial.

Esses resultados são semelhantes aos encontrados em outros estudos com crianças brasileiras (FRANÇA; MONTEIRO, 2002; OLIVEIRA, 2007). A maior valorização do pertencimento à categoria negros por parte das crianças quilombolas, em comparação com as outras crianças negras, pode dever-se ao fato de a inclusão daquele grupo nas políticas afirmativas de posse da terra passa, necessariamente, pelo reconhecimento do pertencimento, como sinalizam vários estudos e análises (CALHEIROS; STADTLER, 2010; FRANÇA; LIMA, 2014; SOARES, 2008; SOUZA, 2015). Consequentemente, crianças negras que não são protegidas por essas ações afirmativas tendem a uma maior desidentificação étnica.

Com relação à avaliação emocional da pertença, verificou-se que as crianças negras não quilombolas e quilombolas gostam medianamente da sua cor de pele, assim como as brancas. Cabe referir que este nosso indicador de identificação é dependente da consciência de pertencimento, que, como vimos, no caso das crianças negras não quilombolas esteve próxima de 50%; sendo um pouco mais elevada nas crianças quilombolas. De forma que, pelo menos 35% das crianças quilombolas e 46% das negras não quilombolas estão afirmando gostar de serem “brancas”.

Os resultados encontrados nesse primeiro estudo indicam que a identidade étnica das crianças negras é mais baixa do que a das crianças brancas. Tajfel (1982) salienta que quando a avaliação do grupo é negativa há uma tendência à desidentificação, o indivíduo busca estratégias de mudança ou mobilidade social para distanciar-se de sua pertença, seja rompendo com o grupo, seja distanciando-se psicologicamente. Tais resultados podem ainda serem entendidos à luz das afirmações de Gomes (2003) sobre a imagem do negro na sociedade brasileira, que está associada a estereótipos negativos e, desde muito cedo, as crianças são ensinadas e reforçadas a distanciar-se de sua etnia. Tal desidentificação se deve ao racismo sentido e interiorizado por alguns membros desses grupos.

Todavia, notamos o efeito positivo da política pública no que concerne à identidade étnica das crianças quilombolas, 65% delas se reconheceram como negras. Valor importante, mas ainda longe do alcançado pelas crianças brancas. Com base nesses resultados, elaboramos um segundo estudo, a fim de testar o efeito de uma estratégia simbólica de representação positivada dos negros, mediante a narrativa de um conto de fadas em que todas as personagens importantes eram negras, sobre a afirmação da identificação étnica nas crianças negras.

Estudo 2

O segundo estudo algumas das crianças negras que já haviam sido entrevistadas no primeiro; ele foi realizado oito meses depois e nas mesmas escolas das crianças. A hipótese testada neste estudo é a de que a narração de um conto de fadas que represente de forma positiva personagens negros produzirá uma maior identificação com a cor da pele nas crianças negras.

Método

Participantes

Participaram 29 crianças negras que também tomaram parte no Estudo 1. Foram 11 não quilombolas e 18 quilombolas. A intenção inicial era que as 127 crianças negras do estudo 1 participassem deste segundo estudo. Todavia, uma greve na rede pública municipal impossibilitou o acesso a todas as crianças. Não obstante este percalço, as 29 encontradas representam uma amostra aleatória das 127 do Estudo 1. A idade dos participantes variou entre 6 e 10 anos, sendo 12 (41,4%) entre 6 e 7 anos e 17 (58,6%) de 9 e 10 anos. Quanto ao sexo, 16 (55,2%) eram meninas.

Desenho e Procedimentos

O estudo se estruturou em duas fases. Na primeira fase, numa sala de aula e de forma coletiva, era narrado pela pesquisadora um conto de fadas, cujos personagens eram negros. O conto utilizado foi o conto “Princesa Violeta” de autoria de Veralinda Menezes. A narração durava 15 minutos. A pesquisadora iniciava a história da seguinte forma: “Era uma vez... uma linda princesa chamada Violeta”. Durante a narração, as cenas da história eram apresentadas em slides, através de um *data show*, imagens coloridas em conformidade com a do livro original publicado. A história foi narrada por uma pesquisadora negra. Depois da narração da história, as crianças foram entrevistadas individualmente e responderam ao mesmo questionário utilizado no Estudo 1. A variável analisada foi a identidade da criança, operacionalizada por meio da autocategorização e da dimensão emocional do pertencimento.

Sinopse do conto: Princesa Violeta

“Princesa Violeta” é um conto que narra a história da personagem protagonista negra, uma bela princesa, de um reino muito rico que sofre ao descobrir que seu pai preferia ter um filho homem. E, então, com ajuda de um grande guerreiro, ela prepara-se e transforma-se em uma guerreira invencível. O conto é cheio de aventuras desta corajosa heroína que, entre fadas, gênios e piratas, luta na defesa de seu reino e na conquista da admiração de seu pai. Todos os personagens da história são negros.

Checação da manipulação, Aspectos Éticos e Análise de dados

Um questionário com oito perguntas foi aplicado a fim de verificar se os participantes compreenderam a história. Duas perguntas eram relacionadas ao entendimento sobre o enredo do conto, ao passo que a segunda parte era sobre a mensagem passada através da história. Apenas uma criança não compreendeu a história e foi retirada da amostra. Os dados foram analisados com o SPSS. No decorrer de toda a pesquisa, todas as exigências éticas e os princípios da pesquisa com seres humanos descritos na Resolução 510/2016 do CEP/CONEP foram respeitadas.

Resultados

Na tabela 2, comparando com os dados das mesmas 29 crianças do estudo 1, podemos ver que, tanto para as negras não quilombolas quanto para as quilombolas, a autoidentificação com a cor negra aumentou. Agora, mais de 70% das crianças se veem como negras. E não há mais diferenças entre as quilombolas e as não quilombolas, $X^2(1) < 1$, n.s. Para um teste mais preciso da nossa hipótese, realizamos um Qui-Quadrado comparando as percentagens das crianças negras que se autoidentificaram como negras no Estudo 1 com as do Estudo 2. Observamos um aumento estatisticamente significativo na afirmação identitária, $X^2(1) = 5,50$, $p < 0,05$. Esses resultados permanecem constantes entre meninos e meninas (sem influência do sexo dos participantes), $X^2(1) = 1,39$, $p = 0,24$, e entre as crianças mais novas e mais velhas (sem efeito da idade), $X^2(1) < 1$; n.s.

Tabela 2.

Percentuais da autocategorização étnica no Estudo 1 e no Estudo 2 em função da etnia dos participantes (n = 29).

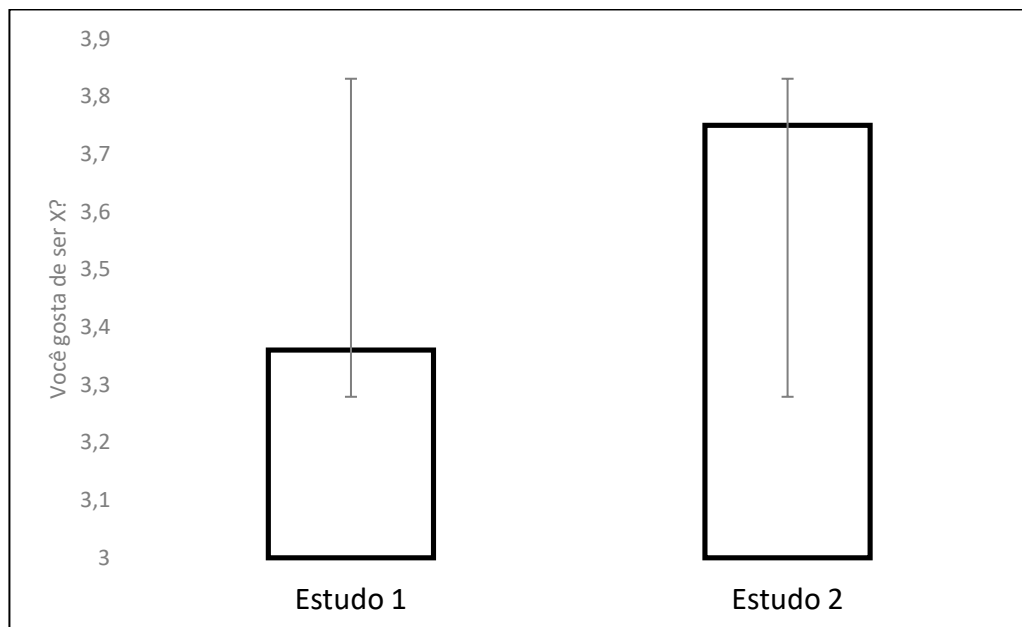
Etnia	Autocategorização étnica (Estudo 1)		Autocategorização étnica (Estudo 2)	
	“Sou Branco”	“Sou Negro”	“Sou Branco”	“Sou Negro”
Não quilombolas	54,5%	45,5%	27,3%	72,7%
Quilombolas	38,9%	61,1%	27,8%	72,2%
Total	45%	55%	27,6%	72,4%

Fonte: Dados da pesquisa

Esses resultados indicam o efeito positivo do conto de fadas na dimensão identitária referente à consciência de pertencimento. Cabe, no entanto, avaliar seu efeito na dimensão emocional da identidade. No Gráfico 2, podemos ver que a avaliação emocional positiva do pertencimento cresceu de forma significativa depois da audição do conto. Um teste t de *Student* para amostras emparelhadas indicou que a média do “Gosta de ser negro” das crianças no Estudo 2 é maior que a do Estudo 1, $t(27) = -2,09$, $p = 0,04$. Este resultado se mantém significativo mesmo simulando 1000 amostras no *Bootstrapping* ($p = 0,05$). Não houve diferença nas médias de avaliação emocional do pertencimento entre as crianças quilombolas ($M = 3,72$; $DP = 0,46$) e as não quilombolas ($M = 3,73$; $DP = 0,65$), $F(1, 28) < 1$; n.s. Os resultados também não foram influenciados pelo sexo dos participantes ou pela diferença de idade, $F_s(1, 28) < 1$; n.s.

Figura 2.

Médias da dimensão emocional da identificação com a cor da pele (“gosta de ser negro”) das crianças negras (n = 29)



Fonte: Dados da pesquisa

Discussão

O objetivo desse segundo estudo era testar o efeito da representação positiva dos negros em histórias infantis sobre a identidade étnica de crianças quilombolas e não quilombolas. A análise dos resultados obtidos indica uma mudança positiva na identificação com a cor da pele das crianças neste estudo. No Estudo 1, as crianças negras não quilombolas apresentaram desidentificação com o seu grupo de pertença comparadas às quilombolas, as quais, embora tenham se identificado mais com seus grupos étnicos, ainda apresentavam deserção identitária em 35% dos casos.

Os resultados demonstram que a mudança verificada na identificação com a cor da pele das crianças negras foi consequência da contação da história que representava os negros como protagonistas e de forma positiva; os dados sugerem que a audição de contos com protagonistas negros em contexto de valorização social influencia positivamente a identidade racial de crianças negras. A esse respeito, Mariosa e Reis (2011) afirmam que a literatura infantil com personagens negros ocupando papéis de heróis, pode contribuir tanto para a valori-

zação da identidade da criança negra como para a valorização da convivência na diversidade com a criança branca. Outros estudos têm demonstrado que mudanças no contexto social podem produzir alterações na identidade étnica de crianças e nas suas concepções sobre estereótipos e preferências para os grupos sociais (FRANÇA; LIMA, 2014; HRABA; GRANT, 1970; LIMA; FRANÇA, 2012).

Resultados semelhantes foram também encontrados na pesquisa realizada por Faria e Ferreira (2010) e por Ramos (2007). Todavia, diferentemente desses estudos, que trazem dados de natureza qualitativa, os nossos mantêm controladas algumas condições, o que permite maior confiança na afirmação de que o resultado verificado na identidade das crianças foi produzido pelo tratamento quase-experimental aplicado.

Considerações finais

O objetivo dessa pesquisa foi comparar os níveis de identificação étnica de crianças e entender a influência de uma situação de valorização do pertencimento negro nessa identificação. Os resultados encontrados confirmaram nossas hipóteses, demonstrando a influência de situações culturais na construção das imagens de si e dos grupos sociais. Também verificamos que as crianças quilombolas apresentam escores mais elevados de afirmação identitária que as não quilombolas.

Os resultados encontrados demonstram a importância conjunta, integrada, dos dois aspectos pesquisados. Por um lado, a proteção identitária que as políticas públicas de afirmação trazem, como verificado nas crianças quilombolas. Por outro, a afirmação simbólica da presença positiva dos negros em situações de *status* e poder, como ocorreu no conto de fadas, que teve impacto ainda mais forte que a política pública na afirmação identitária. Todavia, esses mesmos dados apontam para a necessidade de que sejam conduzidas mais pesquisas sobre o tema, com amostras mais amplas e representativas, visando alcançar uma maior compreensão dos processos de construção e afirmação ou de desconstrução e negação das identidades associadas à cor da pele em crianças. Pois, não obstante o efeito positivo obtido com a narração do conto de fadas, uma questão que fica é sobre a permanência ou o poder de generalização de estratégias como estas na “vida real” das crianças. Outros estudos futuros poderiam fazer uso de estratégias longitudinais para melhor entendimento da duração dos efeitos de afirmação identitária produzidos.

Podemos referir como limitação a dificuldade de acesso às crianças no regresso da coleta, ocasionando a redução da amostra no Estudo 2. Essa contingência diminui o poder de generalização dos dados obtidos. No entanto, espera-se que as discussões apresentadas possam contribuir para novas reflexões e pesquisas acerca das relações raciais, para identidade étnica das crianças, elaboração de medidas interventivas eficazes para lidar com o racismo na escola e promoção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Referências bibliográficas

ABOUD, Frances E. **Children and prejudice**. Oxford, Basil Blackwell, 1988.

AMARAL, Arleandra Cristina Talin do. A infância pequena e a construção da identidade étnico-racial na educação infantil. **37ª Reunião Nacional da ANPED**, UFSC – Florianópolis, 2015. Disponível em: < <https://anped.org.br/biblioteca/item/infancia-pequena-e-construcao-da-identidade-etnico-racial-na-educacao-infantil>>. Acesso em: 17 abr. de 2019.

ARAÚJO, Joel Zito. Identidade racial e estereótipos sobre o negro na TV brasileira. In: GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo; HUNTLEY, Lynn. **Tirando a máscara: ensaio sobre o racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, p. 77-95, 2000.

ATHIÉ Joyce. Literatura e representatividade. **Jornal O Tempo**. 2017. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/diversao/magazine/literatura-e-representatividade-1.1458190>>. Acesso em: 17 abr. de 2019.

BARBOSA, Valéria; SIROTA, Régine. Os livros para crianças, manuais de civilidade contemporâneos entre formal e informal? Um exemplo: a criança negra na literatura infanto-juvenil no Brasil. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 10, n. 3, p. 369-382, 2016.

BENTO, Maria Aparecida Silva. A identidade racial em crianças pequenas. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: Aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 98-117, 2012.

BOBOWIK, Magdalena; BASABE, Nekane; PÁEZ, Darío. “Heroes of adjustment”: Immigrant's stigma and identity management. **International Journal of Intercultural Relations**, v. 41, p. 112-124, 2014.

CALHEIROS, Felipe Peres; STADTLER, Hulda Helena Coraciara. Identidade étnica e poder: os quilombos nas políticas públicas brasileiras. **Revista Katálisis**, v. 13, n. 1, p. 133-139, 2010.

CHINEN, Nobuyoshi. **O papel do negro e o negro no papel: representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade de São Paulo, 2013.

DA CUNHA BASTOS, Priscila. “Eu nasci branquinha”: Construção da identidade negra no espaço escolar. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 485-518, 2015.

DE LIMA, Carina Bertozzi. Literatura negra-uma outra história. **Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários**, vol. 17, no 1, p. 67-77, 2009.

DOYLE, Anna Beth; ABOUD, Frances E. A longitudinal study of White children's racial prejudice as a social-cognitive development. **Merrill-Palmer Quarterly (1982-)**, p. 209-228, 1995.

DUMONT, Kitty B.; WALDZUS, Sven. Ideal selves as identity management strategies. **International Journal of Intercultural Relations**, v. 44, p. 1-12, 2015.

FARIAS, Kellis Coelho; FERREIRA, Aparecida Jesus. Identidades sociais no livro didático de língua inglesa: Representações do discurso escrito de raça/etnia. **Anais do I Seminário Nacional em Estudos da Linguagem: Diversidade, Ensino e Linguagem, Unioeste, Cascavel, PR**, 2010.

FERNANDES, Sheyla Christine Santos; PEREIRA, Marcos Emanuel. Endogrupo versus Exogrupo: o papel da identidade social nas relações intergrupais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 18, n. 1, p. 30-49, 2018.

FRANÇA, Dalila Xavier de. A socialização e as relações interétnicas. In: CAMINO, Leoncio; TORRES, Ana Raquel Rosas; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira (Orgs.). **Psicologia social: Temas e teorias**. 2. ed. Brasília: Technopolitik, p. 541-587, 2013.

FRANÇA, Dalila Xavier de; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. Identidade étnica e estereótipos em crianças quilombolas e indígenas. In: BENTO, Maria Aparecida Silva; SILVEIRA, Marly De Jesus e NOGUEIRA, Simone Gibran (Orgs.). **Identidade, branquitude e negritude: Contribuições para a psicologia social no Brasil**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2014.

FRANÇA, Dalila Xavier; MONTEIRO, Maria Benedita. Identidade racial e preferência em crianças brasileiras de cinco a dez anos. **Psicologia**, XVI, 2, 293-323, 2002.

GOLZIO, Derval. Exclusão informativa: Representação e representatividade dos negros e afrodescendentes nas capas da revista veja. **Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO**, V. III, 2009.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, 29 (01), 167-182, 2003.

HIGUERA, Héctor Cavieres; TRIAT, Manuel José Cheyre. Mecanismo de Superación de Identidad Social Negativa Y Legitimación Del Sistema Y Del Estigma en la Población El Castillo, La Pintana, Chile. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES**, 22(1), 79-87, 2016.

HONORATO, Ivanize Christiane do Nascimento. **A CINDERELA PODE SER NEGRA? Construindo identidades de crianças negras numa turma de educação infantil.** Monografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

HRABA, Joseph; GRANT, Geoffrey. Black is beautiful: a re-examination of racial preference and identification. **Journal of Personality and Social Psychology**, 16, 398-402, 1970.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**, Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101459.pdf>>. Acesso em: 17 abr. de 2019.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; FRANÇA, Dalila Xavier de. Políticas públicas e afirmação identitária em crianças negras e indígenas de Sergipe. In: NEVES, Paulo S. C.; DOMINGUES, Petrônio (Org.). **A diáspora negra em questão: Identidades e diversidades étnico-raciais**, Aracaju, Editora UFS, 207-236, 2012.

MARIOSIA, Gilmaria Santos; DOS REIS, Maria da Glória. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. **Estação Literária**, vol. 8, p. 42-53, 2011.

OLIVEIRA, Ana Carolina Delgado de. **Novas imagens, velhos conceitos: a produção de imagens de moda no Brasil e a visibilidades dos modelos negros.** Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PORTELA, Valdenice; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; SILVA, Patrícia da. Social responsibility standard and the discrimination of black women in the industrial sector. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 22, n. 1, p. 29-47, 2019.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. O negro e a Universidade brasileira. **Historia Actual Online**, no 3, p. 73-82, 2004.

RAMOS, Angela Maria Parreiras. **Construção da identidade étnico-racial: o papel da literatura infantil com protagonistas negros e histórias das culturas africanas.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

RODRIGUES, João Carlos. **O negro brasileiro e o cinema.** Pallas Editora, 2015.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade**, nº 10, p. 1-6, 2009.

SILVA, Beatriz Caitana da. **A construção da (in) visibilidade da infância quilombola: o papel do Estado e do movimento social.** Dissertação (Mestrado em Sociologia), FEUC, 2011.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; TEIXEIRA, Rozana; PACIFICO, Tânia Mara. Políticas de promoção de igualdade racial e programas de distribuição de livros didáticos. **Educação e Pesquisa**, vol. 39, no 1, p. 127-143, 2013.

SOARES, Edimara Gonçalves. **Do quilombo à escola: os efeitos nefastos das violências sociais silenciadas**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Paraná, 2008.

SOUZA, Márcia Lúcia Anacleto. " **Ser quilombola**": identidade, território e educação na cultura infantil. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, 2015.

STREIT, Máira. Especial para o Correio. **Por mais negros em cargos de chefia**. 19 / março / 2017. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/trabalho-e-formacao/2017/03/19/interna-trabalhoeformacao-2019,581923/exclusao-racial-no-topo.shtml>>. Acesso em: 17 abr. de 2019.

TAJFEL, Henri. **Grupos humanos e categorias sociais**. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

TAJFEL, Henri; TURNER, John. C. The social identity theory of intergroup behavior. In: Worchel, Stephen; AUSTIN, William G. (eds.). **Psychology of intergroup relations**. Chicago: Nelson, 1986.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. Construção da identidade étnico-racial: O que as crianças pré-escolares têm a dizer?. **VIII Fórum Internacional de Pedagogia: VIII Educação em/para Direitos Humanos, Diversidade, Ética e Cidadania**, 2016. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/fiped/2016/TRABALHO_EV057_MD1_SA14_ID2709_07092016203022.pdf>. Acesso em: 17 abr. de 2019.